



**FENAPAES**

Federação Nacional das Apaes

**O FUTURO DA ESCOLA INCLUSIVA PASSA PELA APAE**



## **A PESSOA COM DEFICIÊNCIA ENSINANDO OS CAMINHOS PARA ESCOLA INCLUSIVA**

O “outro” é um termo usado para designar aquele que é diferente de si, considerando que pode-se tratar os seres humanos dentro de âmbito de semelhança, incorporando como características para critério de semelhança capacidades, determinações físicas ou psicológicas, concepções políticas, em fim tudo aquilo que é identificado como sendo ponto comum entre duas pessoas, dessa maneira até os semelhantes são diferentes. A palavra diversidade tem seu sentido dentro da multiplicidade de diferenças que possam ser reconhecidas, então diverso é aquilo que é múltiplo de diferenças, a humanidade até na própria forma de compreensão de humanidade é diversa. Por mais que se executem padrões ou tentativas de favorecimento de uns em detrimento de outros, dentro do estado, as pessoas se organizam em grupos com pessoas que se assemelham dentro de características que são comuns aqueles com quem estão se relacionando. O padrão de normalidade existe levando-se em consideração as semelhanças mais comuns entre os indivíduos. Não é uma maneira justa identificar como vigentes estereótipos de normalidade vigentes de maneira universal, pois os grupos humanos são muito diversos e cada um tem seus padrões culturais, noções éticas, morais e outras séries de juízos que moldam uma sociedade, que servem como modelo para suas comunidades específicas, sendo assim uma visão bem saudável e politicamente real disso, é pensar a sociedade nos âmbitos das diversidades e assimilação, reconhecimento e adaptação dessas diversidades, e não como já se fundou e se funda em muitas defesas a perspectivas de uma sociedade segregadora apontando como culpado a diversidade de grupos sociais organizados.

Blaiser Pascal afirmou que o humano é carente em suas emoções e sentimentos que são parte fundamental para qualidade de vida humana, Essa afirmativa se sustenta, quando conseguimos identificar os grupos sociais mais diversos, desde comunidades de amigos com interesses comuns na internet a

partidos políticos e movimentos de lutas sociais, motivados pela carência de apoios pela necessidade de sentir-se incluídos, em algum meio da nossa sociedade. Em um arquétipo natural podemos demonstrar também que os semelhantes se agrupam para garantir a sobrevivência e bem estar do grupo, visando que o bem estar do grupo é fundamental para qualidade de vida individual. A exclusão ocorre quando alguém não está bem adaptado ao seu meio de convívio e acaba sendo deixado de lado ficando despercebido, e dessa forma não conseguindo amenizar suas carências emocionais, sentimentais e profissionais, assim deixando de conquistar sua autonomia e não ficando integrado ao meio, mas sim a margem dele. Os seres humanos são ligados por sentimentos que podem ser os mais diversos possíveis, raiva, amor, apatia... Assim é possível pensar que é importante que as pessoas tenham a possibilidade de viver de uma maneira mais autônoma dentro de um ambiente que verdadeiramente os acolha, sentido-se assim estimulados e à vontade para se arriscar tendo a oportunidade de experimentar realidades diversas verdadeiramente incluídos partilhando das mesmas atividades em nível de igualdade, podendo socializar-se com aqueles que partilham das mesmas necessidades, tendo muito mais que um cooperativismo ou um tipo de ajuda humanitária, mas educar a pessoa com deficiência para um socialização de fato para que esteja preparada para saber se portar diante das diversidades sociais, e assuma o papel de protagonista de sua própria vida. É preciso esse espaço de socialização. Um espaço adequado para pessoas que precisam de adequação, a vida do humano no mundo implica em luta pela sobrevivência e socialização, que implicam em processos cruéis de adaptação que cada um tem que passar para si formar como ser humano. O que podemos fazer para amenizar esse sofrimento é educar essas pessoas de modo a demonstrar os espaços de lutas por direitos, ajudando a criar consciências transformadoras da realidade vigente.

É fato que desde que foi criada pela comunidade civil a Apaes atende uma demanda enorme de pessoas com deficiência intelectual, prestando serviços gratuitos, nas áreas de educação, formação profissional e saúde, e ainda é possível apontar uma série de programas implantados nas Apaes em todo o Brasil cada uma

com sucesso em uma, duas e até mais áreas de aplicação em sua região. Podemos citar como exemplos de sucesso o programa de envelhecimento saudável que busca prestar assistência para as pessoas com deficiência que chegam a idade avançada, e a muitos que sofrem com envelhecimento precoce, com acompanhamento, assistência e preocupação com a saúde da pessoa com deficiência, sendo respeitada em todo o mundo como um grande expoente dessa luta, prestando um serviço social a 56 anos no Brasil, realizando festivais de arte, competições esportivas e capacitações nessas atividades, antes mesmo da existência das paraolimpíadas, criando ainda espaços para debates para ouvir as essas pessoas e poder pautar a luta em seus anseios.

A luta pelo espaço da pessoa com deficiência intelectual através das Apaes foi desde o início, muito bem estruturada, contando com profissionais capacitados com formação especializada na área de atuação, conseguindo fazer a diferença nas comunidades de todas as regiões do Brasil, prestando assistência e serviço para essa população, conseguindo oferecer um preparo para vida e cuidando da pessoa com deficiência durante todas as fases de sua existência, promovendo assistência necessária para o melhor bem estar dessas pessoas.

A partir das perspectivas de pensadores como John Loke e David Hume, que afirmam que o ser humano se desenvolve em seu meio de convivência, assim podemos afirmar que o cooperativismo que a pessoa com deficiência pode desenvolver a nível de experiência na escolas inclusivas do governo é uma assistência interessante, porém a escola tradicional pode se tornar um ambiente de exclusão e traumas para pessoa com deficiência intelectual, pois ao contrário dos demais tipos de deficiência como a cegueira, a física e a surdez que contam com aparelhos de apoio para aprendizagem, auxiliando a assimilação mais proveitosa dos conteúdos, o deficiente intelectual necessita de mais. Assim políticas de apoio pedagógico diferenciado também não representam de forma total a solução para uma educação inclusiva nesse caso, pois a forma de apreender de todas as pessoas é a mesma no que diz respeito a processos físicos que levam a

aprendizagem, e quando esses processos cognitivos são comprometidos por algum motivo, ainda não é através de aparelhos de apoio que a pessoa terá suprida suas necessidades provenientes desse comprometimento. Dessa maneira as políticas de apoio pedagógico conseguem apenas dar suporte para a aprendizagem de alguns conteúdos não conseguindo um aproveitamento a nível de igualdade com os demais alunos. A média mundial de progresso escolar das pessoas com deficiência intelectual média e grave, é até a 2º série do ensino fundamental, então a escola inclusiva deveria assumir um papel de complemento, sem excluir a escola especial que garante uma formação para vida baseada na pesquisa profunda das necessidades da pessoa com deficiência e com uma vasta experiência e bons resultados nessas áreas. É importante que as pessoas com deficiência convivam com outras pessoas que tem necessidades comuns às suas, no sentido de se unir para se fortalecer, assim como toda grande luta por direitos nas grandes sociedades do mundo, e nesse sentido a Apae é esse lugar de fortalecimento da pessoa com deficiência, é o lugar onde ela pode se socializar com as pessoas que tem necessidades bem próximas, assim então contribuindo para o fortalecimento da luta por melhores direitos e condições da pessoa com deficiência.

O mundo contemporâneo mostra-se muito imediatista, dependendo de resultados rápidos e projetos que se mostrem promissores tanto na idéia como na prática, mas, é possível perceber que a coisa é mais importante que a idéia, pois de nada adianta a idéia se não há meios para que ela seja desenvolvida na prática. Sendo assim a escola inclusiva desponta como uma idéia revolucionária e com uma perspectiva favorável para as pessoas com deficiência, mas não sozinha, pois por mais adaptada que a escola seja e mesmo que as promessas de capacitação da rede de professores das escolas publicas sejam cumpridas, sem um atendimento especializado de educação e um processo contínuo de inclusão, abordando todas as fases da vida dessas pessoas e as diferentes carências que essas pessoas tem nos diferentes períodos de sua vida, é impossível cumprir com os objetivos da educação inclusiva, tão é que os países que são referências no processo educacional no mundo, contam com escolas especiais. Tanto que o nome da Apae

ecoa de uma maneira bem forte no cenário internacional como sendo um expoente das conquistas na parte de direitos e inclusão da pessoa com deficiência nos campos da saúde, educação, esporte, atividades artísticas, incentivando a autonomia. Isso fica muito claro ao listarmos os prêmios internacionais recebidos pelas Apaes, como o mais recente recebido por Maria Amélia Vampré Xavier diretora de assuntos internacionais da FENAPAEs que foi homenageada no 15º Congresso Mundial da Organização Mundial de Famílias – Inclusion International, em Berlim, Alemanha, pelo reconhecimento do trabalho feito pelas Apaes no Brasil.

A proposta pedagógica implantada nas Apaes para pessoa com deficiência é uma educação continuada para vida. O acompanhamento da pessoa com deficiência em todos os períodos da sua vida pautando sua educação, e tendo como principal objetivo a autogestão e autodefensoria sendo exercida em todos os âmbitos de suas vida. Apoiado no modelo social de diagnóstico da pessoa com deficiência que tem como fundamento o aprimoramento das habilidades do indivíduo durante toda sua existência, garantindo assim uma qualidade de vida, criando espaços para inclusões de novas propostas visando sempre um futuro mais rico de perspectivas, de crescimento profissional e intelectual dentro de suas limitações, prezando sempre pela autonomia e participação ativa do sujeito em seu meio de convívio social, buscando instruí-lo sobre os meios de convívio para que possa usar deste para somar experiências de aprendizado para si que venham contribuir para sua construção como ser humano.

Como processo político pedagógico, pode ser somado os meios de locomoção garantindo a acessibilidade da pessoa com deficiência para chegar até a escola, equipamentos de apoio do processo pedagógico assessorando nas necessidades, assistência e conscientização do papel da família no processo da educação especial, formação especializada dos profissionais da educação e reciclagem continua nos moldes de educação, baseada nas novas propostas que surgem no mundo.

Em 2006, a Organização dos Estados Americanos (OEA) declarou o período de 2006 a 2016 como a “Década das Américas: pelos Direitos e pela Dignidade das Pessoas com Deficiência” e escolheu o lema “Igualdade, Dignidade e Participação” para a ocasião.

A Declaração da OEA, propõe-se a conquistar o reconhecimento e o pleno exercício dos direitos e da dignidade da pessoa com deficiência. Isto implica em seu direito de participar plenamente da vida econômica, social, cultural, política e no desenvolvimento de uma sociedade sem discriminação. Assim a escola deve servir ao aluno com deficiência como grande motivadora criando oportunidades e formas para que o aluno consiga formar princípios ideais, e tenha voz ativa sobre sua causa. Só teremos uma escola inclusiva se esta estiver aberta a criar espaço para os autodefensores, possibilitando um ambiente de discussão, não de uma maneira protegida ou fantasiosa tentando convencer esses alunos que eles têm capacidades iguais e que eles podem aprender da mesma maneira que os demais, mas tentando demonstrar para eles que dentro das suas limitações podem ser desenvolvidas habilidades de maior destaque e essas habilidades podem garantir sua autonomia profissional e até mesmo como estudante.

Erivaldo Fernandes Neto